

THOMAS BERNHARD: PENSAMENTO FENECIDO E SUJEITO RESSUCITADO

Helano Jader Cavalcante Ribeiro
Mestrando em Literatura – UFSC/CNPq

RESUMO

Este artigo tem o intuito de armar uma discussão acerca do livro do escritor austríaco Thomas Bernhard, *Extinção*, no concernente à herança da destruição do pensamento pelos nazistas. A extinção de que fala Thomas Bernhard também poderia ser lida como uma extinção do pensamento em nome de um mutismo típico daqueles que sobreviveram e/ou trabalharam nos campos de concentração. Muito já se escreveu sobre Auschwitz, mas a necessidade de continuar com todos os tipos de questionamentos sejam eles no âmbito ético, político ou jurídico é uma obrigação da própria humanidade.

PALAVRAS-CHAVE

Thomas Bernhard; *Extinção*; Jean-Luc Nancy.

THOMAS BERNHARD: DESTROYED THOUGHT AND REVIVED SUBJECT

ABSTRACT

This article aims to set a discussion about the book of Austrian writer Thomas Bernhard, *Extinction*, with regard to the legacy of the Nazi destruction of thought. The closing speech that Thomas Bernhard could also be read as an extinction of thought on behalf of a silence typical of those who survived and / or worked in concentration camps. Much has been written about Auschwitz, but the need to continue with all kinds of questions ethical, political or legal is an obligation of humanity itself.

KEYWORDS

Thomas Bernhard; *Extinction*; Jean-Luc Nancy.

O pensamento (quer dizer não somente o intelecto, mas também o coração, a exigência mesma) pode pensar – e não pode evitar pensar – que pensa um excesso sobre si mesmo. Penetra o impenetrável, ou melhor, é penetrado por ele.
(NANCY, 2008, p. 23)

O dia 10 de maio de 1933 representou o auge da perseguição dos nazistas aos intelectuais, principalmente aos escritores. Em toda a Alemanha, montanhas de livros ou suas cinzas se amontoavam nas praças. Hitler e seus oficiais pretendiam através deste gesto destruir o pensamento *degenerado* para construir um novo pensamento no Estado nazista. Ao falarmos que o nazismo não tem um pensamento estamos coadunando com toda forma de sua instauração em nossas vidas. Eles possuíam um pensamento organizado, baseado na construção de um mito, o da civilização ariana dos alemães. Dentro desta organização encontra-se a tentativa de Hitler de estetização da política¹ (Não podemos esquecer a apreensão pelas tropas nazistas de objetos de arte em todos os países conquistados).

No romance de Bernhard temos o narrador e protagonista Franz-Josef Murau que odeia sua família e a burguesia austríaca pós-Segunda Guerra Mundial de onde saiu para se exilar em Roma. Anos mais tarde, com o mínimo contato com Wolfsegg, lugar onde nascera, recebe um telegrama informando sobre a morte dos pais e irmão, causado por um acidente de carro. Retorna, dessa forma, ao lugar de suas origens, mas que já não podia mais ser chamado de *Heimat* (como, aliás, nunca pôde ser chamado), palavra alemã que designaria em português a noção que temos de pátria. O retorno traduz-se por uma busca de sentido, que é a essência do ser exilado em si mesmo². Ao tema do retorno profere Jean-Luc Nancy (2003, p. 13) em seu livro *El olvido de la filosofía*: “O *retorno* significa, portanto, em primeiro lugar, que nada se havia perdido verdadeiramente e que nem a duração da crise, nem da abundância e a intensidade de suas manifestações puderam alterar *no fundo* certa idéia de sentido”. O retorno é o

¹ Walter Benjamin opõe-se a essa estetização da política (fascista) e em seu lugar propõe a politização revolucionária da arte.

² Se fizermos uma alusão à viagem de Ulisses, veremos que o mais importante não é o fato do retorno à origem, mas sim o processo da viagem em si. Cada intervalo de tempo nessa viagem apresenta-se com sua diferença, como se assemelhasse a um cálculo de limite matemático. Em matemática, o conceito de limite é usado para descrever o comportamento de uma função à medida que o seu argumento se aproxima de um determinado valor, assim como o comportamento de uma sequência de números reais, à medida que o índice nessa escala cresce em direção ao infinito.

retorno do sentido, mas cruzado a cada instante por um devir louco que não cessa. A morte de Deus anunciada por Nietzsche pressupõe todo um esvaziamento de sentido que era projetado em sua figura onipotente, onipresente, onisciente. A partir de então, coube ao homem, ou melhor, ao super-homem essa tarefa quase impossível de refazer o mundo e dar-lhe sentido. O que Nietzsche proclama é menos a exaltação do homem do que a própria superação do humanismo. Essa interpretação anti-humanista atrelada à questão da morte de Deus será depois recuperada por pensadores como Michel Foucault, George Bataille, Maurice Blanchot e Jean-Luc Nancy³. No entanto, o ponto cabal em nossa época reside justamente no fato da suspensão do sentido⁴, o que também podemos entender como niilismo.

Ao chegar a Wolfsegg, Murau vai ao enterro e lá reage de forma indiferente à morte de seus pais⁵. Contudo, tal reação já pode ser esperada de sua parte já que ele afirma logo de início que “Havia tempos eu já não tinha nem com meus pais, nem com meu irmão um chamado bom relacionamento, mas um relacionamento não mais que tenso e, nos últimos anos, não mais que indiferente” (BERNHARD, 2000, p. 11). Murau teve uma infância em que toda forma de questionamento contra a ordem da casa era execrada, por isso odiava e era odiado por seus pais. Nele encontramos a busca de um conhecimento e construção de um pensamento que ia de encontro ao de sua família, seja através de suas viagens, através de seu modo de pensar, ou através de suas incursões na rica biblioteca da família: “enquanto eles abatiam cervos, eu permanecia na biblioteca, por trás dos ferrolhos hermeticamente fechados das janelas, para não ter de ouvir seus tiros, ele dizia, e lia Dostoiévski” (Idem, p. 26). Sua família, em especial sua mãe, tolhia-lhe o acesso à biblioteca para evitar que o filho desenvolvesse *pensamentos aberrantes*:

Continuamente eu jurava ter estado na biblioteca só para *fins de leitura*, lá ter permanecido para *fins de leitura*. Porém ela não dava descanso, me qualificava de mentiroso e afirmava ininterruptamente que eu estivera na biblioteca para cultivar meus *pensamentos aberrantes*. Quando lhe perguntei o que ela entendia por *pensamentos aberrantes*, chamou-me, como tantas

³ Jean-Luc Nancy mostra como, por exemplo, em Blanchot o nome de Deus não está simplesmente ausente. Defende um ateísmo que está mais ligado a questão do ab-sens, ou seja, ausência de sentido, que outra coisa.

⁴ Freud entende essa busca de sentido do homem como uma patologia, um estado característico diagnosticado por ele com sendo uma neurose.

⁵ Seria interessante lembrar o romance de Albert Camus, *O estrangeiro*, em que seu protagonista Mersault sofre severas críticas da sociedade por não reagir da forma esperada no enterro de sua mãe, ou seja, de forma emotiva. Não podemos deixar de elucidar o fato de o escritor argelino ter participado ativamente no movimento de resistência ao nazismo.

vezes nos primeiros anos de minha infância de criador de caso, sem responder a minha pergunta, eu era insolente e mentiroso, dissera ela ainda, e me deixara falando sozinho (Idem, p. 191).

A mãe é representação maior do pensamento católico-pequeno-burguês e nacional-socialista. Desarticula a libertação do filho, a sua busca de uma identidade baseada na leitura e no conhecimento. O que ela chama de *pensamentos aberrantes*, ligamos ao que os nazistas chamavam de *pensamento degenerado*, daí o conceito de *arte degenerada*, tipo de arte moderna que gera pensamentos degenerados. Falamos desse modo das artes de vanguarda como aquela proposta por Picasso, entre outros. Toda arte com origem não-germânica era banida e aqueles identificados como artistas degenerados estavam sujeitos a penas.

Todo tipo de pensamento e construção de um sentido que fosse de encontro à ideologia nazista deveria ser combatido, silenciado e aniquilado. Toda a idealização da fundação do estado nazista é baseada na criação de um mito arrebatador do povo alemão. Hitler, em seu livro *Mein Kampf*, expõe o que seriam as primeiras doutrinas para o povo alemão que possibilitariam criar esse mito e toda uma construção de pensamento. Se a Alemanha aos olhos dele ainda não existia, deveria ser inaugurada a partir de um modelo, que para Hitler foi o da civilização grega. Para isso, o Estado nazista valeu-se de toda uma simbolização (por exemplo, através da suástica, da águia, de bandeiras, uniformes, saudações, etc.) para a construção de um sonho, com o qual o povo alemão pudesse se identificar. Outro elemento fundamental para a construção do pensamento nazista é a existência de um tipo. Jean-Luc Nancy em parceria com Philippe Lacoue-Labarthe alega, em seu livro, *O mito nazista*, que o mito e o tipo são indissociáveis. Mas o que entender por tipo? O tipo nos remete à questão da forma (Gestalt) que nos remete à raça. Eis aí a importância da raça para a ideologia nazista, pois “a raça é a identidade de uma potência de formação, de um tipo singular; uma raça é o portador de um mito” (NANCY e LACOUÉ-LABARTHE, 2002, p. 51-52). Hitler sabia muito bem que essa era a justificativa definitiva para a exclusão do Estado nazista dos “impuros” como os judeus.

Auschwitz foi o espaço em que toda a ideologia nazista pôde impor sua supra-representação⁶ contra a representação judia. Nancy desenvolve essa idéia ao denominar a representação judia de “representação proibida”. Para Hitler a representação judia era pejorativa e por isso deveria ser eliminada. A força de coação era oriunda das tropas da

⁶ Através do mito ariano Hitler pôde instalar a representação do *Reich* alemão.

SS que se encarregavam de fazer valer a supra-representação hitlerista e a coação dos prisioneiros.

A crise do pensamento desencadeada após as grandes guerras coincide também com a crise do sujeito. O reinado estruturalista só corrobora com a idéia de “morte do sujeito”. Não podemos falar de dessubjetivação na modernidade, mas ao contrário, os processos de subjetivação na modernidade são crescentes, contudo, encontram-se reféns pelos mecanismos da própria modernidade. A subjetividade, por sua vez, é a relação consigo que se estabelece através de uma série de procedimentos que são propostos e prescritos aos indivíduos, em todas as civilizações, para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de certo número de fins. Superar as convenções e substituí-las pelo desenvolvimento da própria subjetividade livre dos dispositivos é disto que nos fala, por exemplo, Michel Foucault⁷. Murau é a representação do homem na modernidade aprisionado pelos dispositivos impostos pela sociedade moderna, sua cruzada pela libertação do pensamento (presos aos dispositivos) também aponta para uma tentativa de ressurreição do sujeito. Beatriz Sarlo em seu livro *Tempo passado* revela-nos ser esta uma tendência que floresceu depois do apogeu estruturalista: “Quando essa guinada do pensamento contemporâneo parecia completamente estabelecida, há duas décadas, produziu-se no campo dos estudos da memória e da memória coletiva um movimento de restauração da primazia desses sujeitos expulsos durante os anos anteriores. Abriu-se um capítulo que poderia se chamar “O sujeito ressuscitado” (SARLO, 2008, p. 30). A aceitação dos relatos dos sobreviventes de Auschwitz, dando-lhes credibilidade só corrobora com a ideia de ressurreição do sujeito, a partir do momento em que a sua voz tem o poder jurídico de incriminar os carrascos nazistas. O que restou de Auschwitz⁸ só pôde ser transmitido através dos judeus sobreviventes e dos soldados. Deles temos uma má testemunha de todo o ocorrido, já que não se encontravam livres do trauma experimentado e não vivenciaram

⁷ Giorgio Agamben esclarece em seu livro *O que é o contemporâneo? E outros ensaios* a noção foucaultiana de dispositivo e diz: “chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o Panóptico, as escolas, a confissão, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas, etc., cuja conexão com o poder é num certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – por que não – a própria linguagem, que talvez é o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata – provavelmente sem se dar conta das conseqüências que se seguiriam – teve a inconsciência de se deixar capturar” (AGAMBEN, 2009, p.41).

⁸ Agamben em seu livro *O que resta de Auschwitz* procura salientar a necessidade de se continuar narrando sobre Auschwitz principalmente a respeito daqueles que poderiam ter dado seu depoimento, mas que foram silenciados pela morte.

as últimas conseqüências assim como os muçulmanos⁹. Os relatos representam uma tentativa de liberação do sujeito até então silenciado.

A temática em torno do nazismo no romance se desenvolve de forma bastante direta. O envolvimento da família de Murau com o partido nazista é motivo de vergonha para ele, e, ao mesmo tempo, objeto de suas maiores críticas. Além desse sentimento de vergonha, há também um sentimento de culpa, oriundo de sua impossibilidade de ação em relação às idiossincrasias de sua família referente à adesão ao partido nacional-socialista. Não devemos esquecer que seu auto-exílio em Roma é uma fuga do enfrentamento da realidade em sua cidade natal. Giorgio Agamben (*apud* AGAMBEN, 2008, p.94-95) citando Bettelheim nos revela que este é um ressentimento perfeitamente compreensível, ao fazer menção aos próprios sobreviventes de Auschwitz. O que de início parece um paradoxo pode ser explicado facilmente:

[...] o problema real, de que o sobrevivente como um ser pensante sabe muito bem que não é culpado, como eu, por exemplo, sei sobre mim mesmo, mas isso não altera o fato de que a humanidade dessa pessoa, como um ser que sente, exige que ele *se sinta* culpado, e ele se sente. Este é o aspecto mais significativo da sobrevivência. Não se pode sobreviver ao campo de concentração sem o sentimento de culpa por termos tido tão incrível sorte quando milhões pereceram, muitos deles na frente de nossos olhos [...]

Murau, guiado por seu ressentimento e desprezo pela sociedade austríaca não perdoa ninguém e, através de seu discurso iconoclasta, aponta seus males, como, por exemplo, a Igreja Católica, outro mal ao lado do nazismo:

Durante o domínio nazista, Wolfsegg foi um reduto do nacional-socialismo e ao mesmo tempo um reduto do catolicismo. Ali os arcebispos e os gauleiter se alternavam nos fins de semana, faziam fila para entrar. Nessa época minha mãe dava as cartas, mais os caçadores, que até hoje não são mais que nazistas, tal como minha mãe, *no fundo de seu coração*, até hoje nada mais é que uma nacional socialista, na santa paz de sua hipocrisia católica (Idem, p. 145).

⁹ Os muçulmanos, no contexto da Segunda Guerra Mundial eram os seres quase abjetos que povoavam Auschwitz. Os muçulmanos eram considerados figuras pelo simples fato de que seus cadáveres pareciam com bonecos, já não possuíam aspectos que os caracterizassem como seres-humanos. A figura do Muselmann era uma espécie de morto-vivo, ou inumano e que dentro dos campos de concentração se encontravam em um estágio difícil de ser definido como ser - humano: “o muçulmano é um ser indefinido, no qual não só a humanidade e a não-humanidade, mas também a vida vegetativa e a de relação, a fisiologia e a ética, a medicina e a política, a vida e a morte transitam entre si sem solução de continuidade” (AGAMBEN, 2008, p. 56). Agamben os considera como as verdadeiras testemunhas, mas que foram silenciados pela morte, de modo que jamais poderíamos ter seu relato.

O cristianismo assume em nosso raciocínio, ao lado do nazismo, o papel de inibidor do pensamento. Devemos nos questionar acerca desta outra forma de potência aniquiladora de todo modo de pensamento contrário aos seus preceitos, através de seu maior representante a Igreja Católica. Lembremos, pois, as cruzadas sangrentas no período medieval, ou como eram conhecidas em seu tempo as “guerras santas”, que tinham como objetivo principal colocar a Terra Santa, nome dado pelos cristãos à Palestina, e a cidade de Jerusalém sob a soberania dos cristãos, eliminando os muçulmanos que controlavam a região.

O Socialismo também não escapa ileso às suas críticas: “Que criaturas abomináveis hoje detêm o poder nessa Áustria! Os mais baixos agora estão por cima. Os mais repulsivos e os mais sórdidos têm tudo nas mãos e estão prestes a destruir tudo o que seja de valia. Destruidores apaixonados estão em ação, exploradores implacáveis, envoltos no manto do socialismo” (BERNHARD, 2000, p. 84-85).

O pensamento sobre essas grandes ideologias nos leva ao que o teórico francês François Lyotard (1990, p. 10) já deixara claro em 1979 ao afirmar sobre a pós-modernidade, através do termo *condição pós-moderna*, ao dizer que “a pós-modernidade representa o fim das grandes metanarrativas, em que todas as formas de conhecimento estavam em questionamento”. Dessa forma, o capitalismo, o socialismo, a psicanálise, a filosofia, o cristianismo e, porque não, a metafísica, entre outras metanarrativas já não eram, para ele, mais suficientes para explicar e legitimar todas as formas de conhecimento no Ocidente. Sob a ótica do pós-modernismo, o problema não reside na visão burguesa de cultura humana, mas sim na própria idéia de que possa haver uma cultura universal. Contudo, Thomas Bernhard, não obstante uma crítica que o classifica em uma corrente pós-modernista, não declara a morte das metanarrativas, mas sim, apropria-se delas¹⁰ fazendo uma escavação profunda, através de suas críticas, para seu entendimento na contemporaneidade. Escavação que abre espaços dentro dessas clausuras.

O cristianismo surge, nesse contexto, aliado à metafísica provocando o enclausuramento do pensamento. É preciso desconstruir todo seu legado milenar e é para isso que nos leva o romance de Bernhard. Desconstruir categorias como a metafísica ou o cristianismo parece-nos uma atividade colossal, trata-se, portanto, de remexer com conceitos que se confundem com a própria noção que temos de Ocidente.

¹⁰ Não se trata de negar, recusar as metanarrativas. Ao negar estamos reafirmando-as. O pensamento imaginado é sutil, perpassa por essas categorias, sem negá-las, tão pouco afirmá-las.

A busca pela abertura do pensamento para Murau apresenta-se como exercício que vai de encontro a qualquer dogmatismo imposto por sua família. Este é o caminho assinalado por Jean-Luc Nancy para se pensar em uma desconstrução:

Se trataría de pensar el límite (ese es el sentido griego de *horizó*: limitar, bordear), el trazado singular que “cierra en círculo” exactamente una existencia, pero que la cierra según la grafía complicada de una apertura, que no vuelve sobre sí (“sí” que es ese no-retorno mismo), o bien según la inscripción de un sentido que ninguna religión, ninguna creencia, ningún saber tampoco –y, por supuesto, ningún servilismo ni ningún ascetismo– pueden saturar ni asegurar, que ninguna iglesia puede pretender volver a ensamblar ni santificar. Por ello, no nos resta ni culto, ni plegaria, sino el ejercicio estricto y severo, sobrio y sin embargo jubiloso, de eso que se llama el pensamiento (NANCY, 2008, p. 258) .

Para a tradição humanista o significado é criado pelo homem, e, ou, pela humanidade. Mas como criar novos significados sem romper com as regras já existentes? É preciso, então, romper com essa ética humanista, é preciso desconstruir a estrutura já sedimentada em toda a tradição do ocidente.

Embasado nessa leitura desconstrucionista das grandes metanarrativas, podemos recomeçar nossa busca por um pensamento fundado em outra ética, que não seja a do *Estado de exceção*¹¹, que foi Auschwitz. Desconstruir não significa destruir (ao contrário da ideologia nazista). “Desconstruir significa desmontar o que havia sido edificado sobre os princípios para deixar vir o que se oculta embaixo deles (NANCY, 2003, p. 99)”, de modo que as verdades da modernidade não nos sejam impostas, nem possam possibilitar mais uma vez a experiência de Auschwitz.

Para tal feito demolidor Thomas Bernhard vale-se da linguagem esquizofrênica do narrador e protagonista junto a seu niilismo e seu sentimento de misantropia. O jogo agressivo e vacilante de repetições frasais ou de palavras do próprio Franz-Josef Murau nos remete à sua incapacidade de contar histórias, o que Walter Benjamin (1994, p. 114-115) chama de pobreza de experiência, um legado da Primeira Guerra dos soldados que voltavam para casa e não conseguiam contar o que se passou, obliterados pelo horror vivido: “Está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. (...) os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiência comunicável, e não mais ricos.” Theodor Adorno também esclarece algo

¹¹ Estado de exceção é um termo essencialmente jurídico que significa uma situação-limite, em que as leis válidas são aquelas impostas pelos detentores do poder que nele estão inseridos.

semelhante referente à arte de fazer poemas, que, depois de Auschwitz ficara impossibilitada.

É justamente o “após” Auschwitz que importa a Giorgio Agamben em seu livro *O que resta de Auschwitz*. A figura central neste teatro do horror era chamada Muselmann, o muçulmano. O muçulmano é a transição do judeu para o inumano. Um ser intermediário entre o humano e o não-humano.

O que restou de Auschwitz só pôde ser transmitido através dos judeus sobreviventes e dos soldados. Deles temos uma má testemunha de todo o ocorrido, já que não se encontravam livres do trauma experimentado e não vivenciaram as últimas conseqüências assim como os muçulmanos.

É nesse silenciar de vozes sufocadas que se dá a crise da produção narrativa, pois para Walter Benjamin a sua fonte primeira era oriunda da oralidade. As histórias anteriormente contadas oralmente perdem com essa incapacidade do homem pós-guerra de relatar o ocorrido. Sob a égide deste pensamento analisamos o personagem Murau, como um silenciado, um traumatizado, vítima do anseio nacional-socialista por destruição. Ele atrapalha-se com os signos lingüísticos e repete-os incansavelmente, mostrando-se, através desse gaguejar, incapaz de continuar com um relato livre do trauma sofrido por sua família:

Gambetti é um bom ouvinte e tem um ouvido muito apurado, treinado por mim, para a verdade e para a coerência de uma exposição. Gambetti é meu aluno, e vice-versa eu sou aluno de Gambetti. Aprendo com Gambetti ao mesmo tanto que Gambetti aprende comigo. Nossa relação é ideal, pois uma hora eu sou professor de Gambetti e ele meu aluno, outra hora Gambetti é meu professor e eu o seu aluno, e é freqüente acontecer que ambos não saibam se Gambetti é o aluno e eu o professor ou vice-versa. (Idem, p. 145).

Através desse gaguejar Thomas Bernhard cria uma outra língua em *Extinção*. Se o calar-se de *Batleby* de Melville é potência enquanto silêncio, o desarticular da fala de Murau pertence igualmente a essa força do pensamento que balbucia, mas não deixa de dizer. Murau é o representante de uma comunidade inoperante¹², é uma figura que nem se fecha, nem deixa capturar sua singularidade.

¹² Nancy diz que repensar a comunidade em termos distintos daqueles que, na sua origem cristã, religiosa, a tinham qualificado, repensá-la em termos do comum e a dificuldade de compreendê-lo em seu caráter não dado, não disponível e, nesse sentido, o menos comum do mundo. Mesmo a comunidade inoperante, como chama Nancy a partir de seus estudos de Bataille, com sua recusa dos Estados-nação, partidos, assembléias, povos companhias ou fraternidades, deixava intocado esse domínio do comum e o desejo (e a angústia) do ser-comum que os fundamentalismos instrumentalizam crescentemente. Já citamos alguns personagens da literatura como o protagonista de Camus, Mersault, em *O estrangeiro*, o Bartleby de

Analisamos destarte a singularidade de Murau como cínica. Os cínicos são apontados por Michel Foucault como aqueles que melhor souberam usar seu direito de *parrhesia*¹³. A filosofia cínica tem como característica certa dureza no uso da fala, uma franqueza rude que se assemelha ao discurso de Murau, o que torna seu modo de vida particular e único. É através de sua coragem da verdade que o protagonista põe sua vida à prova.

Mas o que entender por verdade? Ou coragem? Desde os diálogos platônicos *Laques* e *Alcebiades*¹⁴ constatamos a relatividade destes dois vocábulos. A verdade como uma forma de provocação só será legitimada por Foucault depois de passar pelas seguintes formas de verificação: a verdade é o que não é oculto, o que não é dissimulado, mas é aparente. A verdade é o que é puro, sem alterações. A verdade é retilínea, mantém-se fiel em seu propósito. E por fim, a verdade é incorruptível e permanece idêntica a si mesma. Os cínicos, não obstante seus critérios outros de verdade, valiam-se de tais assertivas, mas de uma maneira transgressora. Fazem uma caricatura delas através de seu comportamento exagerado. Masturbar-se, por exemplo, em praça pública, surge como uma forma hiperbólica de exercer seu direito de verdade. Eles faziam suas necessidades físicas diante de todos simplesmente porque achavam que tais processos naturais dos seres vivos não precisavam ser escondidos dos olhos de todos.

Parece-me que no cinismo, na prática cínica, a exigência de uma forma de vida extremamente caracterizada - com regras criações ou modas muito caracterizadas, muito bem definidas – está articulada muito fortemente sobre o princípio do dizer - verdadeiro, do dizer - verdadeiro desavergonhado e sem temor, dizer-verdadeiro ilimitado e corajoso, do dizer-verdadeiro que empurra a sua coragem e sua ousadia até se tornar intolerável insolência. Esta articulação do dizer-verdadeiro sobre o modo de vida, essa ligação fundamental, essencial no cinismo entre viver de uma certa maneira e dedicar-se ao dizer verdadeiro são tão mais notáveis quando se fazem, em

Melville, ou o protagonista de nossa análise, Murau, poderiam configurar como integrantes dessa comunidade inoperante, em sua necessidade de ser-com, e, ao, mesmo tempo, ter sua singularidade assegurada, em um movimento que não se fecha em si. O calar-se de *Batleby*, por exemplo, é que legitima e assegura sua singularidade em sua comunidade que enfrenta o comum. Tal pensamento se assemelha ao de Giorgio Agamben em seu livro *a comunidade que vem* quando este diz que essa comunidade é aquela que o Estado não pode tolerar. Uma singularidade qualquer que o recuse sem constituir uma cópia espelhada do próprio Estado em uma imagem que possa ser reconhecida nesse sistema.

¹³ O conceito de *parrhesia* implica no falar verdadeiro, ou dizer verdadeiro.

¹⁴ Foucault diferencia os dois diálogos de forma que para ele no *Alcebiades* temos o cuidado de si determinado é guiado pela conduta da alma do sujeito. Trata-se, então, do conhecimento da alma. A outra linha deste pensamento vem representada através do diálogo *Laques*. Aqui o objeto do cuidado de si é a *bios*, a vida, segue através da vida submetida a regras do próprio sujeito, dá-se uma forma à própria existência.

certa medida, imediatamente, sem mediação doutrinal, ou, em todo caso, no interior de um quadro teórico bastante rudimentar (FOUCAULT, 2009, p.08).

A coragem da verdade é de ruptura com as expectativas da sociedade e assim nos parece ser o discurso de Murau: “Com esse seu conto de fadas para crianças e esse seu espetáculo para adultos, a Igreja Católica não teve em mora senão a total corrupção de suas presas, e desse espetáculo tornou-as dóceis, extinguiu-as como homens” (BERNHARD, 2000, p. 106).

E é nesse eterno devir singularidade que Murau busca sua experiência como *Ser-com*, através de seu desejo de sentido, através de seu desejo de *Ser singular plural*. O *Ser-com* de Jean-Luc Nancy é exatamente este ser que escorrega, que não se deixa prender por uma comunidade¹⁵. Em um primeiro momento analisamos, devido ao discurso misantropo do protagonista, uma desistência de sua parte a respeito dos temas que circundam seu desejo de *Ser singular plural*, em uma espécie de fechamento, como aqui analisamos:

O apartamento eu não pinto faz tantos anos porque não suporto mais operários, disse comigo observando as rachaduras do teto. Tive de me mudar para um palácio renascentista para me sentir definitivamente sozinho, separado de todos, disse comigo, pois a verdade é que me separei de todos, não somente dos meus em Wolfsegg, Gambetti, Zacchi, Maria, a essas poucas pessoas se reduziu o meu círculo, e em breve nem esse reduzido círculo não existirá mais, disse comigo e tornei a caminhar na direção contrária (BERNHARD, 2000, p. 226).

No entanto, podemos perceber que o protagonista hesita a respeito de seus pensamentos misantropos: “Sempre anseio pela solidão, mas se estou sozinho, sou a pessoa mais infeliz” (Idem, p. 226). Existe, de fato, uma necessidade de *Ser-com* de sua parte, que se encontra ao lado dessa busca de sentido, referente ao seu regresso ao lar de sua infância. Estar *com*, estar junto, mas separadamente.

Não obstante sua dificuldade em relatar, Franz-Josef Murau não se deixa silenciar, nem se prender ao niilismo, ou, à suspensão do sentido. Logo que volta à sua cidade natal, procura falar com as pessoas simples e alega haver uma enorme distância entre eles, devido à sua erudição: “Estudei minhas ciências e adquiri, como creio, um

¹⁵ Nancy não formula uma conclusão, mas expõe um percurso de pesquisa: repensar as condições de uma crítica da sociedade com base em uma ontologia do ser, do ser, obviamente, como singular-plural, como estar-com. Procura por uma ética ontológica. Nancy nos diz que é impossível pensar o abstrato singular da arte sem pensar em simultâneo o seu plural. A essência do ser é uma co-essência, ou ser-com, estar-com.

conhecimento superior dos homens, para agora não saber mais como ir ter com os jardineiros e lhes apertar as mãos e trocar duas palavras com eles” (BERNHARD, 2000, p. 249). No entanto, isso não o impossibilita de travar contato com eles e afirma: “Mas logo a seguir fui ter com os jardineiros e lhes apertei as mãos” (Idem).

A morte do protagonista pode ser lida também como um acontecimento. A morte é um acontecimento que se alia ao pensamento e o liberta ao mesmo tempo em que certifica sua singularidade. Segundo Michel Foucault, em relação à morte e ao acontecimento em seu “Theatrum Philosophicum¹⁶”: “O acontecimento não é um estado de coisas que poderia servir de referente a uma proposição (o fato de estar morto é um estado de coisas em relação ao qual uma asserção pode ser verdadeira ou falsa; morrer é puro acontecimento que jamais verifica nada)” (FOUCAULT, 2000, p.236). Devemos, pois, pensar na morte como uma aliada do pensamento, do acontecimento, do fantasma, da diferença e da repetição. Sob esta dimensão é correto pensar a morte do personagem Murau como puro acontecimento, um vislumbre. Toda morte é uma singularidade, um acontecimento. A morte de Murau é um acontecimento, é, pois, uma singularidade. Deleuze em *Crítica e clínica* traduz a singularidade por originalidade e diz:

Cada original é uma potente Figura solitária que extravasa qualquer forma explicável: lança flamejantes dardos-traços de expressão, que indicam a teimosia de um pensamento sem imagem, de uma questão sem resposta, de uma lógica extrema e sem racionalidade (DELEUZE, 1997: p. 95-96).

Jean-Luc Nancy também se utilizou de uma *fórmula* para tentar expor a singularidade:

El singular expone cada vez que se expone, y todo su sentido está allí. No hay ninguna otra cosa que esperar de alguno más que su ser-alguno, ejemplarmente. Nada más, pero nada menos: cada vez, el acto de exceptuarse, y este acto, para ser en acto, no es una propiedad que se conserva sino una existencia que existe y que así que ‘exime’, cada vez, cada *hic y nunc*. ¿De qué cosa está ‘eximido’? De nada. De nada o de la inexistencia pura, del ser que sería intransitivo, de una masa en sí indistinta. Entonces, así se expone una transitividad singular de ser, y cada uno compromete un testimonio de existencia. Cada uno no significa el significado del ser, testimonia que el sentido consiste en ser cada vez, singularmente. O mejor aún: que el sentido está cada vez, singularmente, *en el mundo*. Lo que está expuesto, si se quisiera darle la forma de un enunciado sensato, sería algo así como: “*Yo estoy bien fundamentado à existir*”. Pero, en primer lugar, no es cierto que el testimonio tome siempre y solamente la forma de una enunciación: pues toda cosa da testimonio también, cada vez a su manera,

¹⁶ Texto de Michel Foucault sobre os livros de Gilles Deleuze, *Lógica do sentido* e *Diferença e Repetição*, em que Deleuze recupera a noção de simulacro platônico, subvertendo-o. Recuperando a noção de simulacro está Deleuze atestando-lhe sua singularidade diante de sua condição de cópia.

parlante o muda, es decir, que todo *el mundo* atestigua. A continuación yo no produzco por allá ningún fundamento de mi existencia, ni del género de la causa ni del género de la legitimación. *Aquí, el testimonio vale por fundamente* (NANCY, 2003, p. 119-120).

A respeito de Murau, vemos sua singularidade apenas pelo fato de ele existir, por estar lá. As convenções ou os dispositivos de sua família desarmam de início sua singularidade, procuram apagar sua identidade para torná-la nula. Relacionar a singularidade e sacrifício à morte como só ela sendo singular e única ao não utilizar artificios, particulares ou universais. Ela própria é repetição deleuziana, não representa uma generalidade. A definição para Deleuze de repetição é o contrário daquilo que entendemos por “repetição” e daquilo que se compreende ordinariamente por “repetição” sob a concepção da generalização e generalidade. A repetição não está ligada, para Deleuze, à reprodução do mesmo e do semelhante, mas à produção da singularidade e do diferente. Jean Luc Nancy acrescenta à idéia de singularidade falando sobre o *Ser singular plural*:

Ser singular plural quiere decir: La esencia del ser es, y sólo es, como co-esencia. Pero una co-esencia, o ele ser-con – el ser-con-varios – apunta a su vez a ala esencia del co-, o incluso, y más bien, el co-(el cum) mismo en posición o a la manera de esencia. Una co-esencialidad, en efecto, no puede consistir en un conjunto de esencias donde quedaría por determinar la esencia del conjunto como tal: con relación a éste, las esencias reunidas tendrían que ser accidentes. La co-esencialidad significa la participación esencial de la esencialidad, la participación a la manera de conjunto, si se quiere. Lo que aún podría decirse de este modo: si el ser es ser-con, en ele ser-con es el “con” lo que da el ser, sin añadirse. Aquí va de suyo lo mismo que en un poder colegial: el poder no es exterior a los miembros del colegio, ni interior a cada uno de os mismos, sino que consiste en la colegialidad como tal. Entonces, no el ser en primera instancia, luego una adición del con, sino el con en el seno del ser. A este respecto, resulta absolutamente necesario invertir por lo menos el orden de la exposición filosófica, para la que, muy a menudo, el “con” – y lo otro que va con, se puede decir así – siempre viene en el segundo lugar, al mismo tiempo que esta sucesión es contradicha por la lógica profunda en cuestión (NANCY, 2006, p. 46).

Se a repetição é transgressão, o fantasma gira em torno da repetição, pois de acordo com Foucault: “a metafísica do fantasma gira em torno do ateísmo e da transgressão” e conclui a respeito de *Lógica do sentido*. “*Lógica do sentido* nos diz como pensar o acontecimento e o fantasma” (FOUCAULT, 2008, p.234), ou seja, como pensar a singularidade, a diferença e a repetição, ou, simplesmente, como pensar.

Para poder pensar é necessário transgredir, subverter. Em *Extinção*, a transgressão que se dá através do protagonista é uma condição *sine qua non* da existência, essa busca pela repetição potencializada pela diferença. É isso que nos

ensina Deleuze em seu livro *Lógica do sentido*. Subverter o platonismo não quer dizer negá-lo, mas sim, apontar nele possibilidades que devem ser resgatadas e lidas de outra forma na modernidade, como por exemplo, a noção de simulacro, mesmo que esta já tenha sido reivindicada pelos estoícos, e, segundo Foucault: “Subverter, com Deleuze, o platonismo e se deslocar nele insidiosamente, descer um grau e ir até esse pequeno gesto – discreto, mas moral – que exclui o simulacro (...). Perverter Platão é deslocar-se na direção da maldade dos sofistas, dos gestos rudes dos cínicos, dos argumentos dos estoícos, das quimeras esvoaçantes de Epicuro.” (FOUCAULT, 2008, p.232). Deve-se, pois, potencializar a noção de simulacro para poder resgatá-lo. A simulação nada mais é senão o próprio fantasma; o simulacro pertence às profundezas, o fantasma à superfície, efeito do funcionamento do simulacro. Nesse sentido, a reversão do platonismo é, então, na perspectiva de Deleuze, não simplesmente tornar o mundo sensível mais importante que as Idéias, mas a aceitação do simulacro, ou seja, é fazer com que ele afirme seus direitos entre as cópias.

O pensamento funciona como um produtor de fantasmas, gerando o acontecimento, unindo-os. A morte de Murau coincide com a libertação do pensamento enclausurado. Este é seu maior objetivo, ensinar-nos a pensar. A doação de sua herança à Comunidade Israelita de Viena é uma menção bastante clara à reparação dos judeus depois do período nazista. Somos levados a crer que essa foi a saída que o protagonista encontrou para se redimir de sua culpa.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. Tradução de Selvino J. Assman. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Tradução de Selvino Assmann. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007

_____. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

BENJAMIN, Walter. *A arte na era da reprodutibilidade técnica. Magia e técnica Arte e Política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas Vol 1. Tradução Sergio Paulo Rouanet. Pref. Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Trad. Ricardo C. Barbosa. 3. edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. “Teatrum Philosophicum”. In: *Ditos e escritos vol. II*. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *Courage de la vérité. Le gouvernement de soi et des autres II. Cours ao Collège de France, 1984*. Seuil Gallimard, 2009.

LACOUÉ-LABARTHE, Philippe e NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*. Tradução de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

NANCY, Jean-Luc. *El olvido de la filosofía*. Tradução para o castelhano de Pablo Perera Velamazán. Madrid: Arena libros, 2003.

_____. *La declosión (Deconstrucción del cristianismo, 1)*. Tradução para o castelhano de Guadalupe Lucero. Buenos Aires: Ediciones La Cebra, 2008.

_____. *Ser singular plural*. Tradução para o castelhano de Antonio Tudela Sancho. Madrid: Arena libros, 2006.

_____. *La creación del mundo o la mundialización*. Tradução para o castelhano de Pablo Perera Velamazán. Barcelona: Edición Paidós Ibérica, 2003.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.